

DOI: 10.46943/V.CINTEDI.2024.04.011

MULHERES DOUTORAS NEGRAS NAS CIÊNCIAS DA NATUREZA

Rejane Maria da Silva Farias¹
Joselina da Silva²

RESUMO

O contexto deste estudo encampa analisar as narrativas de mulheres doutoras negras nas Ciências da Natureza. Evidenciando os seus trajetos profissionais, suas vozes, tempos e lugares, bem como analisar suas trajetórias acadêmicas através de trabalhos significativos para esta área das Ciências. Com isso, apresenta-se como objetivo geral analisar vozes, tempos e trajetórias profissionais de doutoras negras pesquisadoras das Ciências da Natureza traçando perfis comparativos e interpretativos. Para atingir os objetivos propostos e responder o problema de pesquisa, usou-se diferentes ferramentas metodológicas. Quanto ao tipo, se desenvolveu a pesquisa qualitativa, pelo fato desta possibilitar respostas mais fidedignas ao problema proposto e, ao mesmo tempo, dotar de maior credibilidade os dados coletados. A estratégia adotada e que melhor responde a nossa problemática é a explanatória sequencial. Como instrumento de coleta de dados qualitativos teve-se as entrevistas semiestruturadas. Para análise de dados optou-se pela Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin, como uma forma válida de análises qualitativas. Como nota-se, a problemática de pesquisa tem espaço para abordar o tema sob vários vieses. Contudo, o estudo ficará restrito à seguinte

- 1 Doutoranda do Curso de Pós Graduação em Educação Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Licenciada em Física pela Universidade Estadual da Paraíba UEPB, fariasrejane806@gmail.com ;
- 2 Professora associada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pós doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP), Possui doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).– UF, joselinajo@yahoo.com.br;

dimensão: quais as possíveis dificuldades recorrentes nas atuações profissionais de mulheres doutoras negras pesquisadoras/cientistas que atuam nas Ciências da Natureza? Como uma possível hipótese a esta problemática notadamente as interconexões entre raça, gênero e educação extrapolam a sociedade como um todo e manifestam-se fortemente na Ciência, dificultando o acesso de mulheres negras ao ambiente científico na área das Ciências da Natureza em instituições. Para fomentar as discussões em torno deste tema buscar-se-á apoio teórico em pesquisadores como Munanga (1986); Gonzalez (2020); Davis (1944); Joselina da Silva (2009); Collins (2019); Almeida (2019); dentre outros.

Palavras-chave: Gênero; Raça; Ciências da Natureza.

INTRODUÇÃO

“Minha vida é quebrar barreiras”.

Sonia Guimarães (1ª Doutorada em Física Negra do Brasil)

Iniciar este trabalho com o pensamento da doutora Sonia Guimarães remete-nos ao seu significado mais amplo. De modo que, apesar de vários estudiosos brasileiros persistirem no argumento de que não temos um país racista, nem sexista, ou que preguemos a democracia racial como suporte máximo de demonstração de não haver necessidade de políticas de ações afirmativas, nem de intervenções concretas nos casos raciais no país. O fato é que apesar do quanto tenha sido feito até o momento, a mulher negra encontra-se sub-representada nas carreiras científicas e essa afirmação vai muito além dos números, como poderemos analisar.

As mulheres negras nas Ciências da Natureza no Brasil enfrentam uma série de desafios, incluindo a falta de representatividade e de oportunidades de acesso à educação e a pesquisa. Apesar disso, há algumas cientistas negras brasileiras que tem se destacado em suas áreas de atuação e contribuído significativamente para o avanço da ciência no país. Algumas delas serão fontes de análises para esse e futuros trabalhos advindos da mesma pesquisa.

Cada uma dessas mulheres além de contribuição científica movimentam um sistema patriarcal que exclui e discrimina por gênero, sexo, raça. A importância de cada uma delas é um marco que precisa ser compreendido na sua integralidade, por outro, é necessário compreender que a interseccionalidade das opressões amplifica a desigualdade e a exclusão enfrentadas pelas mulheres negras no país.

Essa sub-representação da mulher negra nas carreiras científicas é um reflexo de diversas barreiras e dificuldades que essa população enfrenta, como o racismo, a falta de acesso à educação de qualidade, a escassez de modelos e referências inspiradoras, entre outros fatores. Como cita Ângela Davis (2019), não é fácil erradicar o racismo, tão profundamente arraigado nas estruturas de nossa sociedade, e por isso é importante produzir uma análise que vá além da compreensão dos atos individuais de racismo, por isso precisamos de reivindicações que vão além da instauração de processos contra pessoas que comentem atos racistas.

Para combater essa situação, é fundamental adotar medidas que promovam a inclusão e a diversidade nas áreas científicas, como a implementação de políticas de igualdade de oportunidades, o incentivo à educação e formação de mulheres negras na ciência, a criação de redes de apoio e mentoria, e a valorização da história e contribuições das cientistas negras.

Além disso, é necessário conscientizar a sociedade sobre a importância da representatividade e da diversidade como motores do avanço científico e tecnológico, e promover a desconstrução de estereótipos e preconceitos que impedem a plena participação das mulheres negras na ciência. A diversidade de perspectivas e experiências é fundamental para o progresso científico e para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

As mulheres negras são constantemente marginalizadas e invisibilizadas em diversos aspectos da sociedade, desde o acesso à educação de qualidade, ao mercado de trabalho, à saúde e à segurança pública. Essa invisibilidade se reflete também na cultura e nos meios de comunicação, onde a representatividade das mulheres negras é escassa e estereotipada. Além disso, é importante entender que a experiência da mulher negra não é homogênea, já que estão inseridas em diferentes contextos sociais, econômicos e culturais. Portanto, é fundamental reconhecer e valorizar a diversidade de vivências e trajetórias das mulheres negras, assim como suas resistências e lutas contra o racismo e o sexismo (DAVIS, 2019; GONZALEZ, 2020; SILVA, 2009).

Perante o exposto o que se pretende através desta abordagem é analisar vozes, tempos e trajetórias profissionais de doutoras negras pesquisadoras das Ciências da Natureza traçando perfis comparativos e interpretativos, de modo que nos remeta a compreensão das reais dificuldades encontradas nas trajetórias acadêmicas de doutoras das Ciências da Natureza. Sendo este, um recorte da pesquisa de doutoramento em andamento, traremos as vozes de duas doutoras negras da área citada e o modo como percebem suas participações nas Ciências e como analisam suas contribuições científicas.

Para isso, se desenvolveu a pesquisa qualitativa, pelo fato desta possibilitar respostas mais fidedignas ao problema proposto e, ao mesmo tempo, dotar de maior credibilidade os dados coletados. A estratégia adotada e que melhor responde a nossa problemática é a explanatória sequencial, por ser a mais direta das técnicas de métodos mistos. Como instrumento de coleta de dados qualitativos teve-se as entrevistas semiestruturadas. Para análise de

dados optou-se pela Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin, como uma forma válida de análises qualitativas.

A dimensão de análise fundamental neste trabalho é buscar meios que nos remeta a compreensão da problemática: mulher doutora negra pesquisadora/cientista que atua nas Ciências da Natureza enfrentam dificuldades de interseccionalidade raça e gênero? E como podem enfrentar e superar essas dificuldades? Essas possíveis dificuldades podem incluir a discriminação racial e de gênero, a falta de representatividade e reconhecimento, a falta de acesso a recursos e oportunidades, o isolamento profissional e a falta de apoio institucional. Para enfrentar essas dificuldades, é importante que as mulheres doutoras negras pesquisadoras/cientistas nas Ciências da Natureza se unam em redes de apoio e solidariedade, busquem mentoria e orientação de profissionais mais experientes, busquem oportunidades de formação contínua e desenvolvimento profissional, e defendam ativamente a igualdade de oportunidades e a diversidade nas instituições de pesquisa e ensino.

Diante disso, é urgente que a sociedade reconheça a necessidade de criar políticas públicas e ações afirmativas que levem em consideração a interseccionalidade das opressões e promovam a igualdade de oportunidades e o empoderamento das mulheres negras. É preciso combater o racismo estrutural e o machismo, garantindo o respeito à diversidade e o reconhecimento da dignidade e dos direitos das mulheres negras.

METODOLOGIA

A abordagem adotada para este trabalho é a qualitativa que se configura na metodologia de pesquisa que envolve a coleta de dados não numéricos, como observações, entrevistas e análise de documentos, para explorar fenômenos sociais, culturais e comportamentais de forma aprofundada e contextualizada. É utilizada principalmente em ciências sociais, humanas e da saúde, permitindo uma compreensão mais abrangente e detalhada dos temas estudados.

Através de entrevistas semiestruturadas se buscará meios de compreender os perfis acadêmicos e as trajetórias de pesquisadoras negras que atuam diretamente nas áreas de ciências da natureza em Universidades.

Será adotada também uma reflexão a base de análise de conteúdo que é uma técnica de pesquisa que envolve a classificação, organização e interpretação de informações presentes em um determinado material. Essa técnica é

comumente utilizada em estudos acadêmicos, na análise de textos, imagens, vídeos, entre outros.

Na análise de conteúdo, buscaremos identificar temas, padrões e tendências no material analisado, a fim de obter insights e informações relevantes para responder às perguntas de pesquisa. Essa técnica será realizada de diferentes formas, como por meio da codificação do conteúdo, da categorização de temas e da interpretação dos resultados. Essa é uma ferramenta poderosa para explorar e compreender a complexidade e a diversidade do mundo contemporâneo, bem como para identificar padrões de comportamento e opiniões presentes na sociedade, em especial em compreender os padrões existentes nas entrevistas das cientistas pesquisadas.

Se faz importante ressaltar que a abordagem deste artigo não buscará generalizar os resultados, mas sim proporcionar uma compreensão contextualizada do fenômeno em questão. Por isso, será necessário a compreensão de que as hipóteses iniciais servem como eixo norteador e delimitador do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Minha participação nas Ciências deve, além de tudo, contribuir para o desmonte de uma estrutura racista no Brasil, obviamente, que junto com outras ações de outras colegas.

Luanda Moraes (reitora da UEZO).

A interseccionalidade de raça e gênero no Brasil leva a situações de exclusão, invisibilização e discriminação que persiste no decorrer dos tempos como fatos normalizados e sem intenções. Contudo, é um tema muito relevante e que deve ser abordado com cuidado e atenção. A interseccionalidade se refere à forma como diferentes aspectos da identidade de uma pessoa, como raça, gênero, classe social, orientação sexual, entre outros, se cruzam e interagem, criando experiências únicas e muitas vezes desafiadoras.

No Brasil, a interseccionalidade entre raça e gênero se manifesta de diversas formas, sobretudo em relação às mulheres negras. Mulheres negras enfrentam uma série de desafios e discriminações que são resultado da interseção de sua raça e gênero. Elas estão sujeitas a uma maior violência, desigualdade no mercado de trabalho, baixa representatividade nos espaços de poder, entre outros problemas.

Além disso, as mulheres trans negras também enfrentam uma série de desafios específicos, como o preconceito e a violência transfóbica, a falta de acesso a serviços de saúde adequados e a discriminação no mercado de trabalho.

Lélia Gonzalez (2020), afirma ser o racismo uma das principais nuances das problemáticas que atingem as populações negras no mundo. Sendo este uma construção ideológica e sendo seus discursos de exclusão uma maneira de se perpetuarem em função dos interesses das pessoas que através dele se beneficiam. Com efeito, na medida em que existem divisões sociais, raciais, de classe, existem também divisões do trabalho, das rendas. E não por acaso, sobre a mulher negra recai a tríplice de discriminação, raça, gênero e classe, dessa forma, fazendo-a permanecer nos mais baixos níveis de opressão da sociedade, levando-as a compor a base de toda a pirâmide social, e sendo por isso tidas como menos capazes intelectualmente e cientificamente.

Uma das doutoras negras entrevistada reflete sobre esse fenômeno de modo que nos leva a buscar meios que justifique a ausência feminina negra em algumas áreas da Ciência, em especial, as Ciências da Natureza. Uma área historicamente masculinizada, hetero e branca (CHASSOT, 2006). A doutora cita que para se sentir pertencente a este meio, necessita demonstrar muito estudo, muita capacidade e ter a força de vontade como aliada suprema na busca pelas conquistas desejadas.

Acho que pelo racismo e pela exclusão que ele toca, acho que temos que ser muito focadas. Eu tiro por mim, essa parte sempre foi premissa para mim, esse era o meu objetivo na vida. Durante a minha formação sempre foi assim, se eu entendia, entendia, se não, estudava até entender. Eu sempre precisava fazer uma programação, ou seja, conseguir me estabilizar profissionalmente, para depois poder atingir outros objetivos. Tinha que chegar lá, tinham muitas pessoas contando com isso, e contando comigo.

Nota-se através da fala da doutora entrevistada que a persistência, força de vontade e desejo de atingir os objetivos propostos sempre foram a base de luta de muitas mulheres negras, inclusive para ela. Enquanto para uns o simples fato de fazer parte de uma família de pesquisadores ou estudiosos lhes atribui o legado de cientistas, para as mulheres negras esse enfoque é um pouco mais complexo, necessitam mostrar a todo o momento que fazem parte desse mundo e que estão preparadas para isso. Consequências do racismo que envolvem a nossa sociedade de maneira silenciosa e muito intencional.

Segundo Chassot (2006), parece que se pode concluir que não é apenas a Ciência que é predominantemente masculina, mas a civilização, há alguns milênios. Vários são os entraves postos para a não participação feminina em algumas áreas. Entraves sociais, econômicos, religiosos, políticos. Contudo, quando a referência é a mulher negra, demais situações são agregadas aos fatos já existentes, são as interseccionalidades já sugeridas aqui.

Joselina da Silva (2009), apresenta que um breve olhar para a história das mulheres negras revela diferentes marcos a considerar. Desde a abolição da escravatura (1888) e o advento da república (1889), elas foram deixadas, sem dúvidas, as margens das benesses advindas das ações de homens brancos, de uma sociedade que entendia esses fatos como comuns. Contudo, desde sempre as mulheres negras se organizaram e reagiram apesar das diferentes discriminações que foram submetidas.

Outro fato a ser levado em consideração é a forma como o meio te faz sentir excluída e fora do contexto. As ideias da beleza, do pertencimento histórico aliados a falta de representatividade leva inúmeras meninas negras a entenderem que ali não é o seu lugar e naturalmente excluem grandes potenciais científicos.

A segunda doutora entrevistada fala sobre o quanto ainda nos dias atuais necessita se fazer forte e lutar contra as formas de opressão para se sentir pertencente a esse meio acadêmico, científico.

Desde a mais tenra idade necessita se sentir menos negra para que as situações fossem mais simples de resolução.

Eu sempre fui negra, apesar de ter a pele mais clarinha e minha primas terem pele mais escura, elas tinham cabelo liso natural e não precisam alisar. Mas eu e minha Irmã sempre tivemos que alisar nosso cabelo, a vida inteira. Então nós éramos as negrinhas. Entre as mulheres negras, se você tem cabelo liso sem alisar você é menos negra. A irmã do meu pai tinha olhos cor de mel. Das minhas outras primas, todas precisavam alisar o cabelo. Eu e minha irmã sempre fomos as chamadas cabelinho ruim, então eu sempre fui negra.

A fala da doutora expressa aqui é a mais simples representação do quanto as ideologias brancas, eurocêntricas impregnaram na nossa sociedade de modo enraizado que leva a vários meios e modos de exclusão. A mulher negra historicamente tem sido marginalizada e excluída dos padrões de beleza impostos pela sociedade predominantemente branca. Desde os tempos da colonização,

a ideia de que a mulher negra não é bela o suficiente em comparação com a mulher branca tem sido perpetuada. Isso se reflete em uma série de estereótipos e preconceitos enraizados na cultura.

Os padrões de beleza eurocêntricos, que valorizam os traços faciais e corporais das mulheres brancas, têm moldado a maneira como as mulheres negras são vistas e tratadas. Muitas mulheres negras são incentivadas a alisar seus cabelos, “clarear a pele” através de mecanismos de padronizações brancas e modificar seus corpos para se adequarem a esses padrões, em uma tentativa de se encaixar em uma definição de beleza que não as representa.

Essa pressão para se conformar a um ideal de beleza inatingível pode ter um impacto negativo na autoestima e na saúde mental das mulheres negras. É importante questionar e desafiar esses padrões de beleza impostos, e celebrar a diversidade e a beleza de todas as mulheres, independentemente de sua cor de pele. Isso interfere diretamente no modo como essas mulheres se percebem e como se fazem presentes nos meios acadêmicos.

Muitas exclusões a base do racismo estrutural levam a não participação de mulheres negras em muitas áreas da ciência. É importante sempre lembrar, as mulheres negras têm uma beleza única e especial, que deve ser valorizada e exaltada. É hora de reconhecer e celebrar a beleza de todas as mulheres, sem tentar encaixá-las em padrões que não lhes pertencem.

Diversas abordagens sobre diferentes enfoques serão dadas ainda no decorrer do doutoramento em questão, aqui buscamos evidenciar uma das nuances que o racismo estrutural revela na sociedade e como interfere diretamente na atuação feminina negra em diversas áreas das ciências e da produção do conhecimento científico.

Portanto, é fundamental reconhecer e abordar a interseccionalidade entre raça e gênero no Brasil, buscando formas de combater o racismo e o sexismo de forma integrada e inclusiva, e promovendo a igualdade e o respeito a todas as pessoas, independentemente de sua raça, gênero ou orientação sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de mulheres negras nas ciências da natureza é fundamental para a promoção da diversidade e a construção de um ambiente mais inclusivo e representativo. É preciso garantir que essas mulheres tenham acesso às mesmas oportunidades de formação e desenvolvimento profissional, combatendo

as diversas formas de discriminação e exclusão que ainda persistem nesses campos.

A valorização do conhecimento e das contribuições das mulheres negras nas ciências da natureza é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É preciso também incentivar a participação e a liderança dessas mulheres em projetos de pesquisa e inovação, reconhecendo seu talento e capacidade de transformar o mundo ao seu redor.

Nesse sentido, é importante que as instituições de ensino e pesquisa, bem como as empresas e organizações do setor, adotem políticas de diversidade e inclusão que promovam a equidade de gênero e racial e garantam oportunidades iguais para todas as pessoas, independentemente de sua origem ou identidade.

É fundamental que sejamos agentes de mudança e que lutemos para que as mulheres negras sejam cada vez mais protagonistas e referências nas ciências da natureza, contribuindo para uma sociedade mais justa, igualitária e diversa.

REFERÊNCIAS

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó. (2019)

SILVA, Joselina. **Mulheres Negras, Histórias de Algumas Brasileiras**. Ação Atitude Afirmativa. (2009).

DAVIS, Ângela. **A Liberdade é uma Luta Constante**. Boitempo. 2019.

CHASSOT, Ático. **A Ciência é Masculina?** Unisinos. 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro Latino Americano**. 1ª Ed. Rio de Janeiro. 2020.